



# A Santa Sé

---

**PAPA JOÃO PAULO II**

**AUDIÊNCIA GERAL**

*Quarta-feira, 10 de Agosto de 1983*

1. "Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade" (*Gál. 5, 13*).

A Redenção coloca-nos num estado de liberdade, que é fruto da presença em nós do Espírito, pois "onde está o Espírito do Senhor há liberdade" (*2 Cor. 3, 17*).

Esta liberdade é, ao mesmo tempo, um *dom* e um *dever*, uma *graça* e um *imperativo*.

No mesmo momento, com efeito, em que o Apóstolo nos recorda que somos chamados à liberdade, adverte-nos também do perigo que corremos ao fazermos um mau uso dela: "não tomeis, porém, — ele admoesta — a liberdade como pretexto para servir a carne (*Gál. 5, 13*). E a "carne", no vocabulário paulino, não significa "corpo humano", mas a inteira pessoa humana enquanto subordinada a e encerrada naqueles falsos valores que a atraem com a sedutora promessa de *uma vida aparentemente mais plena* (cf. *Gál. 5, 13; 6, 10*).

2. O *critério* para discernir se o uso que fazemos da nossa liberdade é conforme à nossa chamada a sermos livres ou se é, de facto, uma recaída na escravidão, é a nossa subordinação à *caridade*, isto é, às exigências que dela derivam.

Éde fundamental importância notar que este critério de discernimento nos é dado na vida de Cristo: a liberdade de Cristo é a verdadeira liberdade e a nossa chamada à liberdade é feita para participarmos da liberdade mesma de Cristo. Cristo viveu na plena liberdade porque, na total obediência ao Pai, "Se deu em resgate por todos. Este é o testemunho que foi dado no tempo devido e do qual fui constituído pregador" (*1 Tim. 2, 6*). Cristo é sumamente livre precisamente no momento da sua suprema *subordinação e obediência* às exigências do Amor salvífico do Pai: no

momento da Sua morte.

"Fostes chamados à liberdade": diz o Apóstolo. Tornámo-nos participantes da mesma liberdade de Cristo: a liberdade do dom de nós mesmos. A expressão perfeita da liberdade é a comunhão no verdadeiro amor. Diante de cada pessoa humana, após esta chamada, abre-se o espaço de uma decisiva e dramática alternativa: a escolha entre uma (pseudo-) liberdade de *auto-afirmação*, pessoal ou colectiva, contra Deus e aos outros e uma liberdade de autodoação a Deus e aos outros. Quem escolhe a auto-afirmação, torna-se submisso à escravidão da carne, na alienação de Deus; quem escolhe a autodoação, vive já a vida eterna.

3. A verdadeira liberdade é a que está subordinada ao amor, pois — ensina-nos o Apóstolo — "a caridade é a plenitude da lei" (*Rom. 13, 10*). Por este ensinamento podemos entender, uma vez mais, que para o Apóstolo não se verifica, no homem justificado, uma contraposição entre a liberdade e a lei moral. E a razão é precisamente que a plenitude da lei é a caridade. O sentido último de toda a norma moral é a caridade; toda a norma moral não exprime senão uma exigência da verdade do amor.

Éeste um ponto muito importante do *ethos* da Redenção, aliás do *ethos* simplesmente humano, que merece ser aprofundado desde já.

Todos nós, seja qual for a cultura a que pertençamos, definimos o amor como "querer o bem da pessoa amada". Note-se: da pessoa amada, por si mesma, e não apenas daquele que ama. Neste segundo caso, com efeito, o amor encobriria na realidade, de modo utilitário e hedonista, um relacionamento com o outro. O *bem* da pessoa é o que ela é: o seu ser. Querer o bem é desejar que o *outro esteja na plenitude do seu ser*. Por isto, o mais puro acto de amor, que imaginar se possa, é o acto criador de Deus: tal acto faz que cada um de nós simplesmente exista.

4. Há, portanto, uma inseparável conexão entre o amor por uma pessoa e o reconhecimento da verdade do seu ser: a Verdade é o fundamento do amor. Pode-se ter a intenção de amar outra pessoa, mas realmente não a amamos se não reconhecemos a verdade do seu ser. Amar-se-ia, de facto, não a outra pessoa, mas aquela *imagem* que nós criámos dela, e correríamos assim o perigo de cometer as mais graves injustiças em nome do amor do homem. Pois "este homem" não seria aquele real, na verdade do seu ser, mas aquele que nós *pensávamos* prescindindo do fundamento da sua verdade objectiva.

As normas morais são as imutáveis exigências, que emergem da verdade de cada ser. Todo o ser exige um *reconhecimento* isto é, ser amado de modo *adequado* à sua verdade: Deus como Deus, o homem como homem, as coisas como coisas. "A plenitude da lei é o amor". Ensina-nos o Apóstolo. Como é verdadeira esta afirmação! O amor é a realização plena de toda a norma moral, porque ele deseja o bem de cada ser na sua verdade: aquela verdade cuja força normativa em

relação à liberdade é expressa pelas normas morais.

---

### Saudações especiais

Uma saudação particularmente cordial dirijo às Irmãs Servas da Sagrada Família de Cagliari, que celebram o quinquagésimo aniversário de fundação da sua Congregação. Esta data, tão importante e significativa, seja para todas vós um forte estímulo a sentirdes-vos cada vez mais dedicadas ao fervoroso serviço da grande família que é a Igreja, nas suas várias expressões pastorais, imitando com amor, confiança e serenidade a Sagrada Família de Nazaré, vosso ideal.

Desejo também tornar a minha saudação extensiva às Madres Capitulares das Congregações das *Servas do Amor Misericordioso* e das *Discípulas de Santa Teresa do Menino Jesus*. O senhor vos conceda neste importante período, durante o qual estais reunidas em Capítulo, plena consciência das vossas responsabilidades, e às vossas Co-irmãs, pôr vós aqui representadas, a graça de serem em tudo dignas do título que caracteriza as duas Instituições: que o Amor Misericordioso de Deus e a "pequena via" para a santidade inspirem e encorajem sempre a vossa vida e o vosso testemunho.

A este ponto, dirijo afectuosa saudação aos duzentos rapazes da tendópolis mariana junto do santuário do Divino Amor e, também, a todos os *Jovens*. Exorto-vos caríssimos, a ter sempre viva no coração a chama do ideal e da prática evangélica. A sociedade de amanhã, será melhor se souberdes acolher e desenvolver na mente e no coração os valores autênticos, que tornam a vida digna de ser vivida. Com estes votos de crescimento vos acompanhem a protecção de Maria, que seguiu o crescimento de Jesus, e a minha Bênção.

Com o pensamento em Maria, Mãe da Igreja, dirijo-me também a vós, caríssimos *Doentes* aqui presentes, convidando-vos a oferecer o vosso sofrimento com serenidade e amor: A vossa dor, oferecida a Deus com amor, torna-se ela mesma oração, como bem sabeis, com grande vantagem vossa e da Igreja. Ajude-vos nisto a minha particular Bênção.

E enfim saúdo também vós, *Jovens Casais*, augurando-vos realizar unidos o caminho da vossa vida, iniciado com o matrimónio, com os mesmos sentimentos que animaram Maria e o seu esposo José ao colocarem-se ao serviço recíproco e, juntos, ao de Jesus.

Seja a vossa casa um centro de amor exemplar e fecundo. Na vossa caminhada vos acompanhe a minha Bênção.

---

